

Resenha

O Brasil que dobrou à direita

The Brazil that doubled to the right

NICOLAU, J. (2020). O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. 1ª ed. ISBN: 978-85-3781888-6. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

LARISSA MARTINS MARQUES
JOÃO GABRIEL RIBEIRO PESSANHA LEAL

INTRODUÇÃO

Jairo Cesar Marconi Nicolau é um cientista político importante no debate público no Brasil contemporâneo, com trabalhos proeminentes no estudo de sistemas eleitorais¹. Sua obra mais recente, lançada em 2020, intitula-se "O Brasil dobrou a direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018", o objeto de análise desta resenha. Seu objetivo é traçar o perfil dos eleitores de Bolsonaro por meio dos resultados oficiais da

¹ Currículo do autor: <http://lattes.cnpq.br/6368215522846972>

eleição divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e de dados de pesquisas de opinião².

O livro possui uma acurácia que permite a pessoas não familiarizadas com conceitos técnicos desse campo científico compreender facilmente os meandros que permearam a eleição. Uma parte dos resultados foi gerada a partir de análises multivariadas, sofisticada técnica estatística que teve sua compreensão facilitada por meio de simples gráficos de barras (apresentados ao leitor de forma pedagógica e intuitiva).

A eleição de 2018 foi realizada mediante uma conjuntura institucional inédita. Pela primeira vez, quatro alterações aprovadas na minirreforma eleitoral de 2015 passaram a valer em uma eleição geral: o prazo mínimo de filiação a um partido para disputar uma eleição; redução do tempo de campanha de 90 para 45 dias; encurtamento dos dias e tempo de horário gratuito de propaganda eleitoral no rádio e na TV de 45 para 35 dias, com 25 minutos de tempo de televisão; e o fim do financiamento de campanha por empresas e a criação do fundo eleitoral. O ineditismo se configurou também quando as urnas foram abertas. O partido vencedor das quatro últimas eleições perdeu, e um candidato intitulado outsider pela retórica³, segundo Nicolau, venceu.

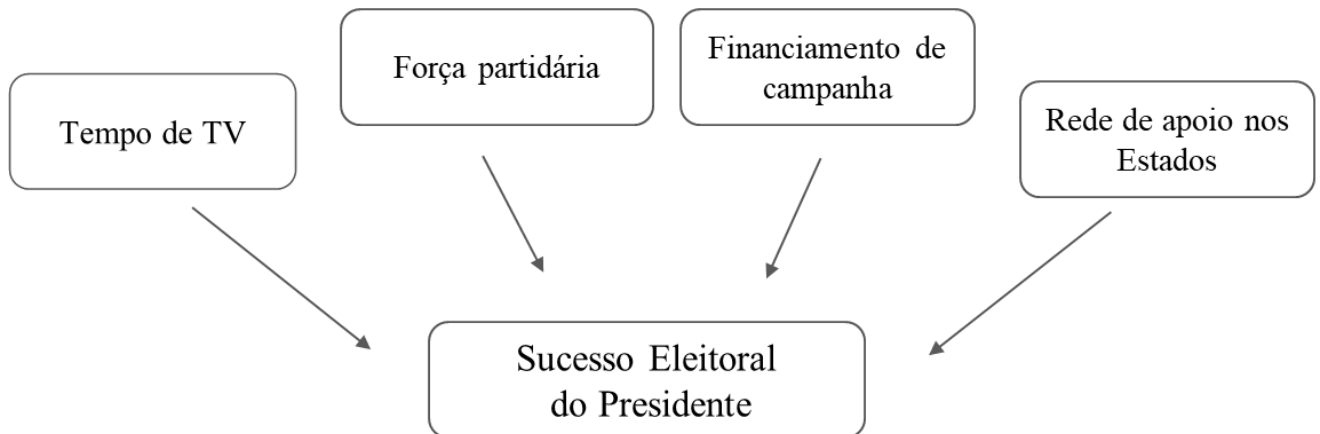
Estudos do campo da ciência política indicam que para um postulante ao cargo aumentar suas chances de se tornar presidente é necessário atender os aspectos apontados na figura 01: (a) robusto financiamento de campanha⁴; (b) satisfatória disponibilidade de tempo de TV; (c) força partidária; (d) rede de apoio nos estados.

² Os microdados manipulados para elaboração das visualizações gráficas e resultados provêm, em sua maioria, do Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb) do ano de 2018 e contam com partes adicionais de pesquisas de opinião dos institutos Ibope, Datafolha e *Latin American Public Opinion* (LAPOP).

³ Termo utilizado pelo autor em entrevista virtual ao jornal Valor Econômico. Acesse o link <https://www.youtube.com/watch?v=LcTziynBUWw>

⁴ O aumento do gasto na campanha impacta de modo positivo o sucesso do candidato.

Figura 01: Condicionantes do sucesso eleitoral



Fonte: Elaboração dos autores baseada em Nicolau (2020).

Jair Bolsonaro foi um fenômeno político porque se elegeu à revelia de todos os preditores de sucesso para o chefe do Executivo em âmbito nacional. Não possuía força partidária, não contava com grandes somas de dinheiro na campanha, não dispunha de tempo razoável de propaganda de TV e rádio e não possuía apoio expressivo nos estados para, por fim, ganhar a eleição. Além desses fatores, o fenômeno não é apenas um conjunto de regras não seguidas. Primeiro, a ascensão do candidato contou com um movimento de vitórias de deputados federais e estaduais, senadores e governadores que se agregaram em torno do micropartido (Partido Social Liberal - PSL) do qual o presidenciável fazia parte. Segundo, pela primeira vez, desde 1994, encontrou-se diferença expressiva entre a preferência dos eleitores quanto ao gênero. As mulheres rejeitaram mais o vencedor da eleição. Para Nicolau:

(...) a vitória de Bolsonaro é o feito mais impressionante da história das eleições brasileiras. Ele concorreu por um micropartido, gastou pouco mais do que alguns deputados federais gastaram e, no primeiro turno, dispôs do menor tempo no horário eleitoral gratuito que um candidato competitivo já teve em uma disputa para presidente. Ele fez uma campanha rejeitando o que os manuais de campanha recomendam: moderar o discurso e tentar convencer o eleitor de centro (...) (NICOLAU, 2020, pp. 11-12).

Em meio a tantas impossibilidades, qual foi, então, a base eleitoral que garantiu o sucesso do improvável candidato? Responder a essa inquietação é o objetivo do livro. O autor seleciona as variáveis sociodemográficas clássicas do campo de pesquisa para analisar as particularidades da base de eleitores que apoiaram Bolsonaro. Cada capítulo aborda e

averigua uma característica individual dos que apoiaram aquele que saiu vencedor das eleições 2018.

A BASE ELEITORAL DE JAIR BOLSONARO EM 2018

Nicolau escolheu a escolaridade como indicador de identificação do status socioeconômico do eleitor brasileiro. As pesquisas sobre o comportamento político em países democráticos mostram que a educação é um dos principais fatores para o engajamento na atividade política. Do ponto de vista nacional, o perfil escolar do eleitorado é marcado por duas características: uma grande contingência de baixa escolaridade; e uma tendência de se tornar mais escolarizado. Jair ganhou nas três faixas de escolaridade, sobretudo no ensino superior e médio. Ao comparar com os eleitores do PT, o pesquisador encontrou uma diferença expressiva a favor de Bolsonaro quando a categoria é a média escolaridade (NICOLAU, 2020, p. 44).

As mulheres compõem 52,5% do eleitorado brasileiro e em determinados momentos detêm certa capacidade de decidir os rumos de uma eleição. O postulante teve menor desempenho entre esse grupo e mesmo antes de iniciar o período de campanha oficial já detinha um forte apoio do público masculino. Nicolau aponta que Bolsonaro recebeu no segundo turno cerca de 53% dos votos das mulheres e 64% dos homens, enquanto Haddad obteve cerca de 47% entre as mulheres e apenas 36% entre os homens. Desde o período da redemocratização, os presidentes eram eleitos com a proporção equilibrada entre os eleitores de ambos os sexos. Essa diferença na eleição de 2018 é uma particularidade importante para caracterizar o fenômeno (NICOLAU, 2020, p. 57).

Quanto à idade, Bolsonaro obteve melhor desempenho em todas as faixas etárias no segundo turno. Especificamente no grupo entre 16 a 29 anos, observou-se uma diferença acentuada: as jovens preferiram o perdedor (55%), enquanto os jovens votaram em massa no vencedor (71%). Em geral, o representante do PSL apenas conquista amplo apoio entre as mulheres a partir de 45 anos, enquanto as mais novas preferiram Fernando Haddad (NICOLAU, 2020, p. 65).

No que se refere ao tema religião, para Nicolau a mobilização dos evangélicos foi uma das questões determinantes para a vitória de Bolsonaro, pois o presidenciável obteve expressiva votação do grupo. Esse fator também difere da eleição anterior. Em 2014, encontrava-se equilíbrio entre os dois partidos em disputa pelo voto evangélico. "Uma das hipóteses sobre a opção dos evangélicos por Bolsonaro é a existência de uma afinidade em

relação ao conservadorismo no campo comportamental" (NICOLAU, 2020, p. 76). O autor chama essa explicação de afinidade conservadora.

Na eleição de 2018, segundo Nicolau, ser bolsonarista implicou ser antipetista. O antipetismo em meio aos apoiadores do presidencial se traduziu como um sentimento ligado a pautas como a proteção da família tradicional, o conservadorismo nos costumes e o combate à corrupção. A presença do sentimento aumentava proporcionalmente ao nível de escolaridade. Durante a eleição, o debate público estava, sobretudo, em torno de posições a favor e, em sua maioria, contrárias ao Partido dos Trabalhadores. No entanto, um dado que chamou a atenção foi a quantidade considerável de eleitores neutros: 48% desses não preferiram nem rejeitavam à época o PT. Mesmo assim, o antipetismo foi um dos motivos mais importantes para o eleitor de alta escolaridade votar no PSL (NICOLAU, 2020, p. 83).

Bolsonaro utilizou o WhatsApp como o principal canal para a difusão de informações políticas. A presença de fake news marcou a corrida eleitoral. Segundo Nicolau, houve um predomínio de notícias falsas divulgadas por apoiadores daquele que saiu vencedor com o propósito de atacar o representante do PT. Além disso, há uma tendência de o uso do WhatsApp, Facebook e Twitter aumentar de acordo com o nível de escolaridade. A probabilidade de as pessoas com ensino médio e superior que usavam os aplicativos votarem em Bolsonaro foi mais acentuada. Quem não usava o WhatsApp nas faixas de ensino médio e fundamental preferiu majoritariamente Haddad (NICOLAU, 2020, p. 95).

Jair obteve um forte apoio da população das zonas urbanas e metropolitanas. Ganhou com uma grande margem de diferença nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. No Norte também venceu, porém por pouco. Em nove dos dez maiores estados — onde reside 70% da população — o vencedor em 2018 superou o percentual de votos obtidos por Aécio Neves, do PSDB, em 2014. No Nordeste, a onda bolsonarista não avançou: nessa região o PT saiu vitorioso mantendo os mesmos percentuais de votos das eleições anteriores (NICOLAU, 2020, p. 106).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jair Messias Bolsonaro foi um fenômeno político em 2018, pois venceu as eleições sem seguir a receita escrita nos manuais de ciência política. Para que o extraordinário acontecesse, contou com uma base de apoio (como se pode ver no quadro 01) formada por

moradores das grandes cidades, mais escolarizados, evangélicos, homens e com amplo acesso às redes sociais.

Quadro 01. Perfil do eleitor de Jair Bolsonaro em 2018

Dimensão	Base de apoio
Escolaridade	Bolsonaro venceu em todas as três faixas de escolaridade (fundamental, médio e superior).
Gênero	Bolsonaro possuiu maior apoio entre os homens do que entre as mulheres. Dois em cada três votos de Bolsonaro eram masculinos.
Idade	Bolsonaro foi o candidato preferido em todas as faixas etárias.
Religião	Bolsonaro obteve expressiva votação entre os evangélicos, cerca de 70%.
Petismo e antipetismo	Em 2018 ser um eleitor de Bolsonaro implicou ser antipetista.
Redes sociais	Bolsonaro utilizou principalmente o WhatsApp para difusão de informações políticas.
Região, Estados e Municípios	O Bolsonarismo teve um forte componente urbano e metropolitano.

Fonte: Elaboração dos autores com base em Nicolau (2020).

Aquele que saiu vitorioso representava, no espectro ideológico, a extrema direita, com ênfase na aproximação com temas e interesses militares, fator que o diferenciava dos demais representantes desse eixo ideológico. Foi o primeiro político que ousou, abertamente, elogiar o período em que o Brasil esteve sob controle ditatorial de militares.

Os resultados eleitorais e os seus contornos foram analisados e apresentados de forma simples, direta e compreensível por Nicolau. O livro em questão pode ser resumido como uma obra pedagógica, que tem a força necessária para propagar entendimentos

relacionados ao fato político extraordinário que aconteceu em 2018. A marca da obra é, sem dúvida, a sua capacidade de popularizar conhecimento acadêmico.

Larissa Martins Marques

Graduanda em Administração Pública na Uenf

João Gabriel Ribeiro Pessanha Leal

Mestrando em Ciência Política na UniRio